

José Maria da Costa Macedo (1933-2023)

O Professor José Maria da Costa Macedo marcou de formas muito diferentes, mas sempre elevadas e enriquecedoras, os seus alunos, amigos e colegas. Costa Macedo, como era e gostava de ser conhecido, nasceu em Madrid a 23 de Maio de 1933. Internado com problemas respiratórios no final de setembro de 2023, a que não resistiu apesar dos tratamentos e cuidados, faleceu tranquilamente na sua cidade do Porto no dia 3 de outubro, aos 90 anos. Foram inúmeros os colegas e amigos de Espanha, Itália, Argentina, Brasil, Portugal, que fizeram chegar mensagens de pesar e testemunhos de homenagem, pedindo expressamente para serem partilhados na cerimónia fúnebre. Esses testemunhos compõem um retrato completo e diverso, sublinhando a sua inteligência, sabedoria e generosa bondade para ouvir, ou recordando passeios e longas discussões, as conversas em cafés, as aulas, os diálogos e debates sempre animados e plenos de curiosidade no questionar incessante ou no polemizar cordial, as perguntas profundas que provinham de um saber muito amplo, a alegria e o compromisso pela vida filosófica, as intervenções instigantes, a lucidez e o bom humor, a real indiferença ao supérfluo. As vívidas memórias que deixa naqueles que o conheciam sublinham o quanto Costa Macedo era apreciado como pessoa, mestre e interlocutor, fazendo sempre da Filosofia o terreno comum da inquietação e da alegria do pensamento.

José Maria da Costa Macedo, nasceu em Madrid em 1933, licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Salamanca em 1957 com elevada classificação, foi-lhe depois concedida equivalência a qualquer licenciatura portuguesa em Filosofia, o que lhe permitiu iniciar atividade docente em Portugal, chegando também a ensinar Grego e Latim. Entre 1958 e 1981 foi professor no Ensino Secundário, fazendo estágio como professor de Filosofia apenas depois da democratização de Portugal, no Liceu de Aveiro, em 1976, tendo depois ensinado em diversos liceus. Entre 1981 e 2003 foi docente do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto onde ensinou sobretudo Filosofia Medieval, mas também Filosofia Moderna, Ontologia, Estética, Filosofia Contemporânea. Em 1981-1982, já o ano letivo decorria, começou na Faculdade de Letras a repartir as aulas de Filosofia Medieval com a Prof.^a Maria Cândida Pacheco, que se ocupava da tradição latina, da Patrística até Tomás de Aquino, e com quem colaborou ao longo de toda a sua carreira universitária. Escolheu como matéria para ensinar o pensamento árabe, um tema inesperado numa licenciatura que pouco surpreendia. O interesse destes autores com nomes começados por A, Alfarabi, Avicena, Algazel, Avempace, Averróis, não era consensual e muitos estranhavam a metafísica destes árabes e as suas complexas teorias do intelecto e da intelecção. Temas que, pelo contrário, fascinavam o Prof. Macedo. E, até hoje, continuavam a fascinar, a par dos seus muito vastos interesses por toda a história e atualidade da Filosofia, do Ocidente e do Oriente, do Norte e do Sul. Com o Prof. Macedo era possível descobrir na Filosofia Medieval (e na Filosofia em geral) um território de diversidades, por vezes difíceis, mas sempre interpelantes, que não perdiam nada no diálogo com o passado ou com o

pensamento posterior, nem em ser estudadas por si mesmas ou na articulação com o pensamento de outras épocas, ou de qualquer latitude.

Nos anos seguintes, o Prof. Macedo foi também um interveniente muito ativo no Mestrado em Filosofia Medieval, criado em 1985, ocupando-se sobretudo em preparar os estudantes em latim, que dominava como ninguém. O seu álbum de predileções era vasto: Agostinho, Escoto Eriúgena, Anselmo, Abelardo, Tomás de Aquino, Duns Escoto, para além do hebreu helenizado Fílon de Alexandria, ou do grego Plotino, um ponto de referência e interrogação recorrentes. Foi ao Prof. Macedo que muitos dos estudantes de mestrado ou de doutoramento em Filosofia Medieval recorreremos para os mais diversos problemas teóricos ou de interpretação, sobretudo quando as teses incluíam análise e tradução de textos filosóficos. Ficava-nos sempre a certeza de uma leitura atenta e um vivo interesse por todos os problemas filosóficos, do contínuo aos universais, do conhecimento à ação, da matéria ao uno, do belo ao zero.

Em 1995 realizou provas de aptidão pedagógica e capacidade científica na FLUP, com a classificação máxima, provas essas que dariam origem a alguns dos seus livros mais marcantes. Iniciou então a escrita de uma tese de doutoramento sobre o *Periphyseon* de João Escoto Eriúgena, obra e autor que conhecia com grande detalhe e sobre os quais publicou alguns estudos, sem terminar a tese, por um desinteresse e desapego genuínos por essas coisas da “carreira” que em outros são o mais importante. Poderá haver pelo menos outra razão para não a ter terminado, mais importante ainda: a falta de tempo causada por uma enorme generosidade e disponibilidade, que o levaram a assumir, sempre que necessário, novas disciplinas na licenciatura e a corresponder sempre a todos os pedidos de participação em colóquios, em tertúlias filosóficas ou em sessões escolares. Se se desinteressou da carreira, o Professor Macedo sempre agiu como professor empenhadíssimo, pouco dado a transigir ou descurar as suas funções, sempre exigente nos exames, muito pormenorizados para corresponderem bem aos seus programas muito preenchidos e às aulas que dava sempre em toda a sua extensão, o que não o cansava, nunca. Pelo contrário. Gostava de prolongar as aulas conversando com todos os estudantes que ainda tivessem questões ou quisessem adiantar novos problemas. Os que foram seus alunos recordam bem como em cada aula e depois tinha interesse em discutir aspetos que lhe pareciam ainda em aberto, e em estimular algum contributo que merecesse atenção. No fim das aulas, nos corredores ou onde fosse (quantos não marcámos encontros em cafés para continuar as discussões?), ficava o tempo necessário para discutir dúvidas ou esclarecimentos sobre algum tema associado. Estava sempre disponível para a discussão, com as conversas a alargarem-se para os mais variados temas, sobretudo a cultura e a vida política corrente, nacional e internacional, que lhe interessavam sobremaneira, em particular a política no mundo ibero-americano, que seguia pela rádio e pela imprensa internacionais. E se se lhe pedia para, mesmo já aposentado, dar alguma aula, comparecia com o entusiasmo de sempre.

Dedicou-se também à investigação, tendo tido um papel ativo no Gabinete de Filosofia Medieval desde a sua criação em 1987, sendo também membro do Instituto de Filosofia, desde a fundação desta unidade de investigação em 1997, colaborando em projetos, publicações e atividades, ou apoiando estudantes de Filosofia Medieval e de Filosofia Contemporânea. Publicou artigos e livros no país e no estrangeiro, principalmente sobre autores antigos e medievais, com uma obra diversa e uma posição metodológica pessoal e original (veja-se o estudo de Maria Leonor Xavier, “José Costa Macedo e a ousadia de um pensar extremante”, in *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, vol. III: *Idade Contemporânea*, tomo 1, coordenado por S. Dimas, R. Epifânio, L. Lóia (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2019), 357-383; Maria Leonor Xavier, *Filosofia com Coração. Um Livro Pessoal em Louvor de Outras Pessoas*, edição revista e aumentada (Lisboa: MIL/DG Edições, 2023), 281-312).

Com leituras vastas em todos os géneros literários e disciplinas, tinha uma memória dos textos sempre surpreendente. Os que com ele conversaram nos seus últimos dias, fascinaram-se ainda como aos 90 anos e em situação de debilidade física e grande dificuldade em falar, mantinha a memória e interesse em regressar às questões filosóficas de sempre. Pensar era a sua natureza. E preparava-se como ninguém para uma conferência que ia ouvir. Se se tratava de algum autor da sua predileção ou a cujas obras pudesse aceder, não deixava de o ler e estudar para com propriedade fazer perguntas ou discutir aspetos da conferência. Por isso, na badana do seu livro *Anselmo e a astúcia da razão* (Porto Alegre, 2009), o Professor Luis Alberto De Boni escreveu: “Quem for ouvir uma conferência sobre tema filosófico na Universidade do Porto constatará que nas primeiras filas, indefectivelmente, se encontra um senhor, que não é mais criança, atento e anotando tudo o que está sendo dito. Concluída a conferência, ele é dos primeiros, senão o primeiro, a fazer uma pergunta, e geralmente atinge o calcanhar de Aquiles do que acaba de ser exposto. É o Professor José Maria da Costa Macedo.” Com esta mesma generosidade e disponibilidade para a filosofia o Prof. Macedo aceitava todos os convites para fazer palestras para estudantes um pouco por todo o lado, quer no âmbito de projetos de investigação ou de encontros científicos, quer nas universidades, quer em escolas.

A esta preferência pela intervenção viva, pela palavra do professor, pelas questões e dúvidas de leitor, correspondia uma grande relutância na publicação escrita, que começou a fazer com regularidade apenas bastante tarde. A entrada do Prof. Macedo em Filosofia publicada ocorre sob pseudónimo, como Gabriel Tormes, no opúsculo *A propósito de Filosofias Nacionais* publicado em 1962, em edição do autor. O assunto era de grande atualidade há 60 anos, mas perderia importância. O trabalho seguinte seria publicado apenas em 1978 nas Actas do Congresso Hegel realizado em Lisboa em 1976 (“Matéria – ideia de matéria – ideia de valor”, in *Ideia e Matéria – Comunicações ao Congresso. Hegel – 1976* [Lisboa: Livros Horizonte, 1978]). Decorreria um novo longo interregno até que em 1982, já como assistente na FLUP, iniciaria um período de mais intensa publicação, embora fosse ainda intermitente nos primeiros anos (cf. “(In)consistência da doutrina da morte da Filosofia como fundamentadora de saberes”,

in *Actas do Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia – Revista Portuguesa de Filosofia* 38 (1982): 172-181). Das provas públicas de 1985 resultariam dois trabalhos, um sobre Anselmo (“Anselmo e a astúcia da razão”, *Revista da Faculdade de Letras* [Universidade do Porto], *Série de Filosofia* 12-13 (1995-1996): 214-315; 14 (1997): 261-339; 15-16 (1998-1999): 213-325 – depois reunidos no livro *Anselmo e a astúcia da razão* (Porto Alegre: ed. EST, 2009), outro sobre Tomás (na monografia Tomás de Aquino, *De Aeternitate Mundi – Sobre a Eternidade do Mundo*, em *Mediaevalia. Textos e Estudos* 9 (1996) – depois parcialmente reeditado no livro Tomás de Aquino – Sigério de Brabante, *A eternidade do Mundo / De aeternitati Mundi*, com Mário Santiago de Carvalho [Porto: Afrontamento, 2013]). Manter-se-á a mesma inquietação filosófica, tratando diversos temas e autores, mas com algumas perspetivas ou focos de interesse a prevalecerem: o neoplatonismo na história da filosofia (“Do Sagrado em Plotino e em Santo Agostinho”, *Mediaevalia. Textos e estudos* 2 (1992): 35-67; “A ininteligibilidade do *intellectus* em Escoto Eriúgena”, in *Intellect et imagination dans la Philosophie Médiévale*, editado por M. C. Pacheco e J. Meirinhos (Turnhout: Brepols, 2006), vol. II, 801-826; “Sobre a processão do Espírito Santo em Escoto Eriúgena”, *Mediaevalia. Textos e estudos* 25 (2006): 75-90; “Neoplatonismo e revelação. A propósito de Fílon de Alexandria”, in *A Questão de Deus na História da Filosofia*, vol. I, editado por Maria Leonor L. O. Xavier (Lisboa: Zéfiro, 2008), 171-183; “Plotino: Absoluto e Subjectividade”, *ibid.*, 185-193), sobretudo a permanência de Santo Anselmo, autor a que constantemente regressava, pelo *argumentum* ou *ratio Anselmi* mas também por toda a obra, das orações aos tratados (com o livro: Santo Anselmo, *Proslogion, seguido do Livro em favor de um insensato, de Gaunilo e do Livro Apologético*, trad., introd. e notas de C. Macedo (Porto: Porto Ed., 1996); para além dos atrás citados sobre “o argumento”, com diversos artigos: “La Philosophie du *verum* chez Anselme de Cantorbéry”, *Mirandum* [São Paulo] 10 [2000]), mas também a fenomenologia e outras orientações no pensamento contemporâneo (“Heidegger perante as ciências”, *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série de Filosofia* 2 (1985): 119-141; “Traços do cartesianismo como ontologia da unicidade”, in *Descartes, reflexão sobre a modernidade. Actas do colóquio do Porto, 18 a 20 de Novembro de 1996*, editado por M. J. Cantista e J. Meirinhos (Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998), 303-321; “Existência e Sofrimento”, in *A Dor e o Sofrimento - Abordagens*, editado por M. J. Cantista (Porto: Campo das Letras, 2001), 257-270; coord., com Vítor Oliveira Jorge, *Crenças, Religiões e Poder: dos indivíduos às sociabilidades* [Porto: Edições Afrontamento, 2008]). A questão política e social na história do pensamento e na atualidade, que tanto o interessava pessoalmente, não foi objeto de uma atenção tão grande na sua obra publicada, mas nos seus últimos dias continuava a pensar no que tinha escrito sobre a questão da pobreza nos sermões de S. António, a partir de S. Boaventura (cf. “*Paupertas* – fundamentação e horizontes”, in *Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho, 8º Centenário do Nascimento de Santo António* [Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1996], 601-610). Essas eram as orientações maiores dos seus interesses, mas de um modo inclusivo de tudo o que podia ser objeto de pensamento: da técnica à obra de arte, da matéria ao espírito, do bem ao mal, do tempo à eternidade. Só não tinha paciência para a banalidade.

Não é um acaso que a quase totalidade das publicações do Prof. Macedo resulte de comunicações ou de palestras. O seu sempre foi um pensamento originado por essa necessidade de articular perguntas, de aprofundar. Na sua praxis, questionar sempre foi pensar com o outro, um abrir do pensamento à partilha e também ao diferendo, para compreender e para explicar. Com argúcia e capacidade de estabelecer pontes onde elas não parecem evidentes, abordava a História da Filosofia em busca de um questionamento que punha em jogo o não dito do pensamento, conexões e passagens, procurando compreender a autonomia e incondicionado do pensar, atento à especificidade e ao detalhe de posições de cada autor, com horror às generalizações e à diluição das diferenças.

Como vemos pelos lugares de publicação, o trabalho filosófico do Prof. Macedo nasce sobretudo pela experiência de responsabilidade pública do filósofo na tarefa da educação e na discussão e confronto de diferentes posições. Por isso participou em Portugal em dezenas de encontros de todo o tipo, mas também no estrangeiro: Lovaina, Erfurt, Palermo, Salamanca, Porto Alegre, onde impressionava sempre pela sua argúcia e intervenções. Dada a importância do seu magistério e dedicação ao ensino, aos estudantes e investigadores e a disponibilidade para ensinar, atividade de que gostava verdadeiramente, o Instituto de Filosofia e o Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto dedicaram-lhe o colóquio “*Presença Anselmiana. Homenagem a José Maria da Costa Macedo*”, que decorreu a 11 de dezembro de 2009. O Prof. Costa Macedo era um pensador público, em várias aceções da expressão: como todos sabemos diariamente lia, estudava, discutia e escrevia nos cafés dos seus hábitos. O pensar distraí-o e desinteressava-o até dos problemas de saúde que enfrentava estoicamente. E não é permitido esquecer o seu bom humor e a boa disposição habituais, sempre capaz de riso e da gargalhada sonora, sobretudo quando desafiado pelo picante das melhores histórias.

Os autores e os temas estudados pelo Prof. Macedo apontam para a questão metafísica como aquela que mais lhe interessava. Claro que, podemos dizê-lo, em todos os domínios filosóficos tinha sempre coisas importantes a dizer e a perguntar, mas é à questão metafísica do ser e do fundamento que mais facilmente os seus contributos se deixam reconduzir. Em “(In)consistência da doutrina da morte da Filosofia como fundamentadora de saberes” (1982), um dos seus primeiros trabalhos publicados, ancorado nos debates do momento enfrentou de um modo quase programático o seu entendimento da tarefa da filosofia: “Tornar o pensamento fundamentador e apenas fundamentador é negar-lhe a autonomia tornando-o igualmente subsidiário e satélite. E nega-se-lhe autonomia porque é buscado marginalizando previamente o sentido da realidade. É certo que a realidade rejeitada pesa na mesma e muitas vezes mais do que nos sistemas que explicitamente lhe apelam. [...] A busca das relações entre materialismo e subjetividade, juntamente com a urgência das ontologias libertarão o rumo do pensar de falsas autonomias ou impermeabilidades”. O trajeto filosófico e pessoal do Prof. Costa Macedo pode ser descrito pela tarefa clínica que atribuía à própria Filosofia: libertar o rumo do pensar de falsas autonomias ou impermeabilidades, evitar

todas as formas de aniquilamento. Por isso se manteve sempre um praticante criativo do imperativo de Kant: “ousa pensar”. Em filosofia não é audaz quem quer, mas quem, como o Prof. Costa Macedo, tem um pensamento próprio e a sabedoria para desfazer as falsas autonomias e denunciar as ilusões que a filosofia vai fazendo e desfazendo. Sem cedências ou compromissos.

Só podemos estar gratos ao Professor José Maria da Costa Macedo por ter partilhado connosco o seu entusiasmo contagiante pelo pensamento e por ter continuado até ao último minuto a querer partilhar o seu pensamento connosco e a fazer-nos pensar.

José Francisco Meirinhos
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto